

# PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM LÍNGUA ALEMÃ: REFLEXÕES PARA ALÉM DA SALA DE AULA

**Martha Regina Maas**

martharmaas@gmail.com

FURB – Universidade Regional de Blumenau

**Maristela Pereira Fritzen**

mpfritzen@gmail.com

FURB – Universidade Regional de Blumenau

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

## **Eixo temático: Educação e Linguagem**

**Resumo:** O presente trabalho está inserido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB) e tem como objetivo analisar histórias de letramento a partir do excerto de uma entrevista realizada com dois sujeitos falantes da língua alemã. A pesquisa de Mestrado mais ampla, com a qual este artigo se relaciona, se caracteriza como de cunho qualitativo-interpretativista e tem como objetivo compreender as relações entre escolarização e práticas de linguagem em um contexto de língua de imigração. Os dados gerados foram analisados a partir das perspectivas dos Novos Estudos do Letramento e da Linguística Aplicada em diálogo com a Educação. Os dizeres dos sujeitos apontam para uma multiplicidade de práticas e situações nas quais a língua alemã foi aprendida e nas quais até hoje é utilizada. Essas práticas, relatadas por nossos sujeitos, apresentam-se de forma plural, constituídas a partir de relações de poder e tensões; pois, enquanto que, na escola, a língua alemã era proibida, ela continuou a ser aprendida e utilizada principalmente nas esferas religiosa e familiar, aqui concebidas enquanto agências de letramento responsáveis pela manutenção dessa herança cultural presente na comunidade.

**Palavras-chave:** Língua alemã. Agências de Letramento. Práticas de linguagem.

## **1. Palavras iniciais**

*Cada domínio tem sua própria forma de linguagem.  
Letramentos, no plural.  
(DIONÍSIO, 2007)*

A reflexão inicial que nos levou a pensar neste trabalho veio do interesse que temos em refletir acerca do contato, desenvolvimento e apropriação dos usos da linguagem oral e escrita que acontecem principalmente em situações para além do contexto escolar. De acordo com Kleiman (2008, p. 20), a escola é “a mais importante das agências de

letramento”, a instituição que se encarrega de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Assim, se ela é a agência mais importante, podemos afirmar que não é a única, pois sua responsabilidade diz respeito ao ensino majoritariamente da modalidade formal da língua.

As palavras de Dionísio (2007), acima citadas, nos impulsionam a pensar que, em uma tentativa de análise de histórias de letramento, proposta deste trabalho, podemos buscar dar atenção para domínios que não necessariamente sejam sempre olhados e valorizados quando pensamos nos usos e aprendizagem da linguagem oral e escrita. Da mesma forma, chama-nos a atenção a expressão *letramentos, no plural*, pois nos permite um olhar de abertura e compreensão em relação à diversidade de possibilidades, práticas e contextos nos quais as interações acontecem.

É essa perspectiva da pluralidade e da contextualização de cada esfera nas quais as práticas de linguagem acontecem que nos guia neste trabalho. Temos como objetivo, neste artigo, analisar, a partir das teorias dos Novos Estudos do Letramento e da Linguística Aplicada em diálogo com a Educação, um trecho de entrevista no qual dois sujeitos nos contam algumas histórias de letramentos. Os dados que serão posteriormente analisados provêm de uma pesquisa de Mestrado, atualmente em andamento, que tem como objetivo geral compreender as relações entre escolarização e língua de imigração em um contexto de três diferentes gerações. Na seção seguinte, discutiremos as concepções teóricas e metodológicas desta pesquisa.

O artigo está organizado, a partir desta introdução que contextualiza a pesquisa e apresenta os objetivos do trabalho, da seguinte forma: primeiramente, a apresentação teórica e metodológica da pesquisa; após, uma seção com a análise de histórias de letramentos e, por fim, as considerações finais e as referências.

## **2. Metodologia**

A pesquisa ora relatada se caracteriza como de cunho qualitativo-interpretativista (BOGDAN; BIKLEN, 1994; MOITA LOPES, 1994) e tem como principais aportes teóricos os Novos Estudos do Letramento

(DIONÍSIO, 2007; BUNZEN, 2010; STREET, 2003; ROJO, 2010) e a Linguística Aplicada em diálogo com a Educação (MAHER, 2007; CAVALCANTI, 2011; SOARES, 2000).

Os dados aqui analisados foram gerados a partir da realização de entrevistas narrativas com os sujeitos participantes da pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas a partir das convenções propostas por Preti (1999).

Para os procedimentos de análises, os dados foram organizados em categorias de acordo com as regularidades (BOGDAN; BIKLEN, 1991) que apresentaram. Neste trabalho, a categoria “agências de letramento” será o foco da seção de análises e os atos interpretativos se pautarão na concepção dialógica do Círculo de Bakhtin (2013), que não olha para as relações linguísticas de maneira restrita, mas de forma a extrair sentidos extralinguísticos, mais amplos e ideológicos, que se materializam em expressões de linguagem, por meio das palavras, silêncios e gestos dos sujeitos.

## 2.1 Aporte teórico

No presente trabalho, utilizamos o termo **letramento** enquanto “conjunto de práticas sociais que envolvem o texto escrito” (DIONÍSIO, 2007, p. 209). Assim, concebido dessa forma, podemos olhar para a diversidade de letramentos a partir de uma perspectiva plural e social. Nesse sentido, buscamos dar atenção para as especificidades dos acontecimentos situados na vida das pessoas (STREET, 2003), que são contextualizados e marcados por regras e relações de poder totalmente dependentes da situação na qual acontecem.

O modelo de letramento que, por muito tempo, predominou nas esferas formais de ensino e aprendizado da língua, em nosso caso específico, a escola, é denominado de modelo autônomo. Ele representa uma perspectiva redutora de letramento que apenas o concebe enquanto um conjunto de capacidades (DIONÍSIO, 2007) que podem ser medidas, de forma técnica, neutra e universal (STREET, 2003). Normalmente, este modelo está associado

a programas de educação em massa, que concebem a educação e o aprendizado de práticas de linguagem de forma associada ao progresso, à civilização e à mobilidade social (KLEIMAN, 2008).

Quando buscamos levar em conta questões mais amplas relacionadas às práticas de linguagem orais e escritas, bem como a diversidade de possibilidades relacionadas aos letramentos com os quais as pessoas interagem em suas vidas, situamo-nos nas teorias que concebem o letramento de maneira ideológica. Diferentemente do modelo anteriormente apresentado, este busca um olhar de não julgamento quanto aos usos e práticas que as pessoas realmente realizam por meio da linguagem, cotidianamente, nas mais diversas esferas das quais participam. Aqui, há a busca por uma maior sensibilidade cultural para com os sujeitos e seus contextos específicos de vida (STREET, 2003).

### **3. “Lá também era o português, mas nós fizemos tudo mais no alemão”:** as agências de letramentos

As entrevistas, das quais selecionamos excertos para a presente análise, foram realizadas no mês de dezembro de 2014, na residência dos próprios sujeitos participantes da pesquisa. Dona Isabel tem 59 anos, é natural da cidade de Massaranduba e exerce atividades de dona de casa. Seu Líder, com 65 anos, está atualmente aposentado e nasceu na cidade de Blumenau. Os sujeitos são um casal de avós da família que participou da pesquisa de Mestrado em andamento. Ambos aprenderam a língua alemã no ambiente familiar, desde crianças, e só passaram a ter contato com a língua portuguesa quando foram para a escola, com oito anos de idade. Em seus dizeres, os sujeitos nos apresentam uma realidade repleta de complexidades no que se refere às relações culturais e linguísticas ao nos contarem sobre seus períodos de escolarização:

Pesquisadora: *E o senhor aprendeu alguma coisa de alemão na escola?*

Seu Líder: *Como? Não, em alemão, hm hm.*

Dona Isabel: *Nós também não. Nada de alemão. Eu tinha um tio que morava aqui e sabia escrever bem em alemão. Ele era nosso vizinho.*

Dona Isabel: *No culto infantil, na doutrina...*

Seu Líder: *Isso sim!*

Dona Isabel: *Mas, assim, na escola, não...*

Seu Líder: *Escrever não... A doutrina foi bom. Tudo em alemão.*

Pesquisadora: *Era em alemão a doutrina?*  
 Seu Líder: *Tuuuudo. Tudo em alemão.*  
 [...]
   
 Seu Líder: *Culto infantil, era tudo em alemão. Alguns já em português, mas esses ficaram para trás. Só tinha alguns em português. Tudo em alemão.*  
 Seu Líder: *Mesmo na missa*  
 Dona Isabel: *Ler e escrever a gente aprendeu em casa com os pais. Em alemão, na nossa bíblia antiga, é muito difícil de entender.*  
 Dona Isabel: *Tudo em alemão nós aprendemos com nossos pais. Não na escola.*  
 Dona Isabel: *Uma vez eu queria escrever um cartão para 25 anos de casado. ((falou em alemão)) isso eu queria transmitir. Meu tio teve que me ajudar a escrever. As palavras não batem, né?*  
 Dona Isabel: *Mas ler eu aprendi.*  
 Seu Líder: *Não sei escrever muito em alemão.*  
 Pesquisadora: *Tu gostaria de ter aprendido a escrever?*  
 Dona Isabel: *Às vezes a gente até precisava. Se quer escrever uma coisa em alemão fica difícil. Se tu quer entender o alemão de alguém da Alemanha, tem que prestar bastante atenção, é muito difícil.*  
 Pesquisadora: *e hoje em dia, aqui, vocês conversam com todo mundo em alemão ainda?*  
 Seu Líder: *Por aqui sim!*  
 Dona Isabel: *Aqui a nossa região é tudo alemão. Na igreja tem cultos em alemão e português*  
 Pesquisadora: *E no comércio?*  
 Dona Isabel: *Dá! Sim*  
 Seu Líder: *No mercado onde nós vamos, é só alemão.*  
 Pesquisadora: *E na casa de vocês, tinha algum material escrito em língua alemã?*  
 Dona Isabel: *Não*  
 Seu Líder: *Não*  
 Dona Isabel: *A única coisa que nós tínhamos em alemão era da igreja... o catecismo, os hinários. mas nós não tínhamos jornal em casa, nem uma revista! Nem uma propaganda não veio na época!*  
 Pesquisadora: *Só em português*  
 Dona Isabel: *NEM em português era distribuído na época. Não era como hoje*

Ao analisarmos esse excerto, a esfera religiosa logo aparece relacionada ao aprendizado da língua alemã. A pergunta feita pelas pesquisadoras, no início da entrevista, estava relacionada especificamente à esfera escolar, mas os sujeitos, mais atentos aos usos da língua do que às esferas específicas, relembram de outros espaços nos quais o aprendizado do alemão acontecia. Essa constatação nos leva a refletir acerca do que anteriormente já apresentamos, a partir das palavras de Dionísio (2007), acerca da constituição organicamente plural dos letramentos.

Nesse sentido, Souza (2010, p. 298) afirma que “[...] cada membro de uma comunidade heteroglóssica simultaneamente pertence a vários grupos sociais (de classe social, de faixa etária, de origem geográfica, de sexo) sendo que cada grupo desses possui seus conjuntos próprios de signos”. Assim, compreendemos nossos sujeitos e suas interações linguísticas de maneira

dinâmica e múltipla, com diferentes ações e identidades para cada situação, a partir da utilização de línguas diferentes e, conseqüentemente, de comportamentos diferentes em cada esfera.

Ao nos atentarmos aos dizeres de nossos sujeitos, buscamos realizar um exercício de sensibilidade para descobrir e observar “os usos e os significados das práticas de letramento de acordo com os pontos de vista das próprias populações locais” (STREET, 2003, p. 01). Assim, quando Seu Líder, logo após sua esposa ter falado sobre o *culto infantil* e a *doutrina*, afirma, de maneira enfática (aqui sinalizada pelo ponto de exclamação) que *isso sim!*. Podemos interpretar essa “atitude responsiva ativa” (BAKHTIN, 1997) como uma entoação valorativa que sinaliza seu entusiasmo com relação à utilização da língua alemã, nessas esferas, pois, na escola, apenas a língua portuguesa podia ser falada e estudada. Da mesma forma, a atitude valorativa que Seu Líder expressa ao dizer que *a doutrina foi bom*, em meio ao assunto sobre a aprendizagem da língua alemã, nos leva a inferir que, se esse tempo de doutrina foi bom, parece ter sido devido a esse contato, de maneira institucionalizada, com a língua alemã que eles não tinham em outros lugares.

Durante todo esse momento de entrevista, constatamos uma relação entre língua e apreciação valorativa positiva, pois, mais adiante, Seu Líder também afirma que havia, no culto infantil, *alguns já em português, mas esses ficaram para trás*. Pensamos, assim, acerca da língua portuguesa iniciando um processo de inserção em esferas habitualmente interpeladas pela língua alemã e em como esse processo não foi natural ou aceito passivamente pelos sujeitos participantes das interações. Seu Líder não parece lamentar, em sua fala, o fato de as práticas religiosas em língua portuguesa terem ficado *para trás*.

Ao nos contar que *ler e escrever a gente aprendeu em casa com os pais*, Dona Isabel aponta o fato de essas duas atividades estarem tradicionalmente associadas à esfera escolar, pois não havíamos perguntado acerca do aprendizado de escrita ou leitura especificamente, mas os sujeitos fazem, por si só, essa correspondência entre uso e aprendizado da língua com leitura e escrita. Acostumados com a escola, enquanto instituição responsável pelo ensino da leitura e da escrita apenas em língua portuguesa, eles logo

afirmam que esse mesmo tipo de aprendizado não aconteceu em relação à língua alemã nessa esfera, mas em outra. A família, aqui, apresenta-se como uma agência de letramento responsável pelo acesso às práticas de linguagem na língua de herança, pois, na escola, apenas *ler e escrever* em língua portuguesa eram incentivados. Assim, o aprendizado oral e escrito do alemão ficava por conta de outras esferas que se organizavam de maneira diferente.

A pluralidade de práticas e a multiplicidade de espaços nos quais o aprendizado acontece vem à tona quando Dona Isabel afirma que as atividades de leitura e escrita, normalmente associadas à escola, foram aprendidas em casa, com os pais, com a utilização da bíblia. Há, aqui, a imbricação entre essas três diferentes esferas em um mesmo processo interativo. Um olhar para os letramentos de maneira múltipla parece nos auxiliar ao tentarmos compreender essa diversidade de processos: a partir de Rojo (2010), refletimos acerca de três qualidades dos multiletramentos: enquanto **processos interativos e colaborativos**, que caracterizam o aprendizado familiar da língua alemã, que acontece de maneira processual e interacional entre os diferentes membros pertencentes ao grupo; **transgressores das relações de poder**, pois a língua alemã, por muito tempo proibida e ainda silenciada na escola, continuava a ser praticada e ensinada em outros locais; e **hibridizados**, no sentido de que não são letramentos fixos, imutáveis e relacionados a apenas uma esfera, mas marcados por diferentes sujeitos e diferentes práticas.

Após nos relatarem diversos acontecimentos que elucidam situações de não acolhimento da língua alemã na esfera escolar, procuramos, com a pergunta *e hoje em dia, aqui, vocês conversam com todo mundo em alemão ainda?* nos informar melhor acerca da atual utilização dessa língua de imigração para esses sujeitos. Seu Líder logo responde, enfaticamente, que *por aqui sim!* Essa afirmação nos aponta dois caminhos interpretativos: por um lado, houve a continuação do uso do alemão no contexto de nossos sujeitos e, por outro, há a delimitação desse espaço, que Seu Líder sinaliza com a utilização da expressão *aqui*.

Nesse sentido, parece haver uma ruptura entre o que acontece dentro e fora do contexto de Seu Líder: acostumado a utilizar a língua alemã, hoje em

dia ele percebe a força que a língua portuguesa foi ganhando com o passar do tempo. A partir dos estudos sobre as políticas linguísticas (CALVET, 2007; ALTENHOFEN, 2013), sabemos que essas mudanças não acontecem de maneira neutra ou sem intenções, mas com forças políticas em busca do imaginário de uma nação monolíngue, unificada e falante apenas de uma língua oficial (BERENBLUM, 2003; FÁVERI, 2004). A história marcada por diversas políticas linguísticas monolíngues insere o Brasil em uma crença existente mundo afora, atualmente: no mito do monolinguismo (CAVALCANTI, 2011), que reproduz a ideia de que todos os falantes, das diferentes regiões e classes, falam a mesma língua portuguesa no território nacional. Apesar da existência e força desse mito, nos dizeres de Dona Isabel e Seu Líder acabamos por conhecer uma realidade diferente, plurilíngue, na qual, *hoje em dia*, ainda se utiliza a língua alemã na *igreja* e no *comércio*. De maneira complementar, nossos sujeitos ainda afirmam que essa utilização linguística se faz presente em *tudo* na região em que vivem.

Ao perguntarmos acerca do contato com materiais escritos em língua alemã, ambos respondem que não havia nada em suas casas. Primeiramente, refletimos sobre a continuidade de utilização da língua, mesmo sem esse contato formal com a modalidade escrita que possui um papel de destaque nas sociedades grafocêntricas da atualidade; pois nossos sujeitos, desde crianças e até hoje, continuam a interagir em língua alemã cotidianamente, mesmo tendo aprendido apenas o português na esfera escolar. Após, Dona Isabel novamente nos apresenta a esfera religiosa como local de referência no que diz respeito à utilização da língua alemã em sua modalidade escrita, afirmando que *a única coisa que nós tínhamos em alemão era da igreja*.

A partir das interpretações possíveis desse excerto da entrevista, identificamos diversos espaços e práticas que aconteciam em língua alemã: atividades de diferentes naturezas, *missa, culto infantil, doutrina, comércio*, todas consideradas como momentos de interação e prática da língua alemã. De acordo com Kleiman (2008), a igreja, bem como a família e diversos outros espaços nos quais as interações humanas acontecem, também podem ser considerados **agências de letramento**, não tão institucionalizadas quanto a escola, mas também responsáveis por este contato com a língua oral e escrita.

A partir das pesquisas de Fritzen (2011), sabemos da importância que as instituições religiosas tiveram nos momentos históricos em que a língua alemã não era mais ensinada e praticada no ambiente escolar; e os dizeres de nossos sujeitos reafirmam esta constatação.

#### **4. Considerações finais**

Iniciamos o presente trabalho com o objetivo de analisar histórias de letramentos de dois sujeitos entrevistados, principalmente com o olhar voltado para situações que acontecem para além do contexto escolar. A partir das análises realizadas, constatamos a realidade plurilinguística e multicultural na qual esses sujeitos se encontram e nas quais eles se movimentam entre a utilização de uma língua e de outra, nos mais variados momentos e situações. Apesar do crescimento da utilização da língua portuguesa em diversas práticas, com o passar do tempo, na vida dos sujeitos, e também da existência do mito do monolinguismo no Brasil, a presença da língua alemã não se dissipou por completo e ela ainda se manifesta enquanto expressão cultural da comunidade na qual os sujeitos vivem.

As práticas de linguagem em língua alemã, relatadas por nossos sujeitos, foram analisadas a partir de relações de poder e tensões que apresentaram; pois, enquanto na escola a língua alemã era proibida, ela continuou a ser aprendida e utilizada principalmente nas esferas religiosas e familiares, aqui concebidas enquanto agências de letramento legítimas e responsáveis pela manutenção dessa herança cultural presente na comunidade.

Assim, finalizamos este breve trabalho com a afirmativa sobre a necessidade de reflexões acerca da realidade plurilíngue e multicultural de nossa região e país; bem como da maneira como essa realidade vem sendo respeitada, valorizada e divulgada em nosso contexto local e nacional. A escola, enquanto a mais importante das agências de letramentos (KLEIMAN, 2008) também pode olhar para as demais agências, não tão institucionais, como promotoras de acesso às mais diversas práticas.

## REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, C. V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: C. NICOLAIDES; K. SILVA; R. TILIO; C.H. ROCHA (eds.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, Ponte Editores, 2013, p. 93-116.
- BERENBLUM, A. **A invenção da palavra oficial**: identidade, língua nacional e escola em tempos de globalização. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora: 1994.
- BUNZEN, C. Os significados do letramento escolar como uma prática sociocultural. In: VÓVIO, C; SITO, L; DE GRANDE, P. **Letramentos**: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisa em Linguística aplicada: Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 99-120, 2010.
- CALVET, L. J. **As políticas linguísticas**. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.
- CAVALCANTI, M. C. Reflexões sobre práticas de letramento em contexto escolar de língua minoritária. **DELTA**, 27(1): 63-76, 2011.
- DIONÍSIO, M. de L. Educação e os estudos atuais sobre letramento. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 209-224, jan. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1635/1376>>. Acesso em: 13 mai. 2015.
- FÁVERI, M. **Memórias de uma (outra) guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis, Editora da UFSC, 2004.
- FRITZEN, M. P. Reflexões sobre práticas de letramento em contexto escolar de língua minoritária. **DELTA** [online], vol.27, n.1, 2011, p. 63-76.
- KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008. 294 p.
- MAHER, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: M. CAVALCANTI; S.M. BORTONI-RICARDO (eds.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, Mercado de Letras, 2007, p. 67-94.
- MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**. São Paulo, v. 10, n. 2, Agosto de 1994, p. 329 – 338.
- PRETI, D. (org.) **O discurso oral culto**. 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, Projetos Paralelos, v. 2, 1999.

SOARES, M. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo, Ática, 2000.

SOUZA, L. M. T. M. de. Cultura, língua e emergência dialógica. **Revista Let. & Let.** Uberlândia – MG, v. n. 2, p. 289-306, jul-dez. 2010.

STREET, B. Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento.

**Teleconferência Unesco Brasil sobre letramento e diversidade**, 2003.